

XII SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

21 a 22 de Março de 2024

A RELAÇÃO ENTRE O MACHISMO E A VIOLÊNCIA SEXUAL INFANTIL PRATICADA POR HOMENS: UMA ANÁLISE DO LIVRO LOLITA

Ana Carolina Endo Bruniera (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-Paraná, Brasil); Gabriela Simão Maioque (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-Paraná, Brasil); Glaucia Valeria Pinheiro de Brida (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-Paraná, Brasil).

contato: ra124338@uem.br

ra123594@uem.br

Palavras-chave: Abuso sexual infantil; Violência de gênero; Estupro de vulnerável; Pacto de silêncio.

INTRODUÇÃO

A violência sexual contra crianças é um fenômeno antigo que no Brasil tem sua história constituída juntamente com a da família patriarcal, em que o homem é o detentor do poder enquanto mulheres e crianças são subordinadas a ele. Atualmente, entende-se como violência sexual contra a criança qualquer ato de cunho sexual que envolva crianças e adolescentes, envolvendo ou não o toque físico e a penetração, e é entendida pela legislação brasileira como uma forma de estupro de vulnerável. De acordo com o Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2022, é um crime que cresce a cada ano, sendo as principais vítimas meninas menores de 13 anos, enquanto o perfil dos agressores são homens, conhecidos da vítima e que cometem a agressão dentro de casa. Assim, é uma forma de violência atrelada ao gênero e que reforça desigualdades de maneira a perpetuar a percepção da mulher como objeto sexual. Tendo em vista que a maior parte de autores de agressão sexual infantil não são diagnosticados de acordo com os critérios presentes do Manual Diagnóstico de Transtornos Mentais, insta analisar como fatores culturais, principalmente da ordem de gênero, contribuem para a reprodução deste crime. Dessa forma, essa pesquisa objetiva compreender a influência do machismo nos discursos de autores de violência sexual contra crianças.

Primeiramente, foram analisados os conceitos de gênero e subjetivação masculina, entendendo o último como a produção do sujeito a partir das tecnologias de gênero, passando cultural e historicamente, de maneira a moldar socialmente o “papel do homem” e legitimar a prática de violências contra a mulher. Em seguida, o conceito de dispositivo masculino da virilidade, da autora Valeska Zanello, foi utilizado para entender como o padrão viril masculino é produzido de forma a propagar relações de poder estruturais dentro da sociedade, estabelecendo um mecanismo de violência e controle, especialmente sobre mulheres. O pacto do silêncio no condomínio familiar também foi analisado a partir do disposto pelos autores Christian Dunker e Alba Zaluar, de maneira que o arranjo familiar é entendido como um núcleo de modelo patriarcal em que o pai, ou figura masculina mais velha, é detentor de toda autoridade e poder, controlando os muros familiares e promovendo a proteção dos agressores, tornando um lugar que deveria ser de proteção, cuidado e acolhimento em um local de propagação de violências em que crianças, adolescentes e mulheres estão mais vulneráveis. Também foi estabelecida a diferença entre agressores sexuais de crianças e pedófilos, visto que enquanto a pedofilia é listada como um transtorno parafílico no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais e como uma perversão sexual para a psicanálise, a literatura especializada demonstra que a maior parte dos autores de violência sexual infantil não são pedófilos, sendo importante, dessa forma, analisar os fatores culturais que contribuem

XII SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

21 a 22 de Março de 2024

para a reprodução dessa agressão. Por fim, durante a desmistificação de vítimas e agressores foi possível constatar que muitas vezes a vítima é questionada de maneira a legitimar a violência de acordo com suas características, assim como discursos sobre o perfil do agressor que não condizem com a realidade demonstrada no Anuário Brasileiro de Segurança Pública contribuem para a naturalização e justificação dos atos dos agressores, os desresponsabilizando por seus atos.

MÉTODO

Foi realizada uma pesquisa em psicanálise com método psicanalítico, dividido em duas partes. A primeira etapa consistiu em uma revisão bibliográfica, pesquisando a literatura existente sobre a relação entre o machismo e a violência sexual infantil, utilizando teses, dissertações e artigos publicados no Scielo. Durante a segunda parte foi realizada a pesquisa em psicanálise com o método psicanalítico, utilizando o livro “Lolita” de Vladimir Nabokov como fonte empírica de estudo, uma vez que trata-se de uma obra narrada em primeira pessoa por Humbert, um homem adulto que abusa sexualmente de enteada de 12 anos, Dolores (ou “Lolita”, como ele a chama). Assim, a análise foi feita através da leitura flutuante da obra e registro de pontos que chamaram a atenção contratransferencialmente, que foram posteriormente organizados em categorias de análise.

RESULTADOS/DISCUSSÃO

Os resultados foram categorizados em três categorias de análise, sendo elas: “A desumanização misógina e o culto ao estupro”, “Os muros familiares” e “O homem a ser desejado”.

Em “A desumanização misógina e o culto ao estupro” buscou-se explicitar como na visão de Humbert as mulheres, tanto crianças quanto adultas, não passavam de um objeto para satisfação sexual, sendo desumanizadas e retiradas de sua condição de sujeito. Essa repulsa e ódio que o personagem sente pelas mulheres fica claro por diversas vezes durante seus discursos, nos quais ele se refere à estas como “gordas”, “descoradas”, “de uma feiura repulsiva”, além de descrever detalhadamente como poderia e gostaria de as agredir. Dessa forma, demonstra-se o quanto o prazer do agressor está atrelado ao ódio à mulher e ao desejo de destruí-la.

Já no tópico “Os muros familiares” foi analisado o pacto do silêncio dentro da família e na sociedade, fator que protegeu o agressor durante a obra e revitimizou Dolores por diversas vezes. Humbert utiliza de sua imagem para ameaçar a menina, afirmando que ninguém acreditaria na palavra dela caso denunciasse a violência às autoridades, visto que ele seria um “homem respeitoso”, enquanto ela era apenas uma criança. Além disso, afirma que por ser seu “pai”, Dolores deveria respeitá-lo e aproximar-se dele, visto que ele seria “o precursor do homem que ela iria desejar no futuro” e que “as meninas formam seus ideais de romance a partir de sua associação com o pai”. Nesse sentido, o poder de Humbert sobre a garota, por um homem adulto e provedor do lar, foi constantemente reforçado e utilizado para manter a vítima na situação de violência, demonstrando como as questões de gênero e o adultocentrismo permeiam o abuso sexual infantil de modo que o agressor, enquanto síndico, ocupa o topo da estrutura social e familiar.

Por fim, “O homem a ser desejado?” demonstra como a construção do personagem principal como um “homem viril” estereotipado coincide com as características dos agressores relatados no Anuário Brasileiro de Segurança Pública: homem branco, de classe média e familiar da vítima. Enquanto por outro lado, a figura mistificada dos agressores como sujeitos “monstruosos” e desconhecidos corrobora para que o real abusador seja protegido

XII SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

21 a 22 de Março de 2024

pela sociedade, visto que o perfil real não coincide com este do imaginário social. Durante a obra, Humbert oscila entre descrever a si mesmo como um homem cuja masculinidade “vislumbra as mulheres” e um homem “sensível”, ambos na tentativa de se desresponsabilizar por seus crimes, seja por “estar exercendo seu direito como homem” ou por ser “apenas uma vítima dos encantos das ninfetas”, como ele chama as crianças das quais abusa.

Em suma, a partir do exposto ao longo da pesquisa realizada, fez-se irrefutável a conclusão de que a ideologia machista perpassou todo o discurso do agressor e influenciou sua visão de mundo de modo a pautar as agressões praticadas por ele. A visão do protagonista, a qual reflete a perspectiva de toda uma comunidade, em relação às mulheres, é de posse e poder patriarcal, baseando-se em seus conceitos de família e moral, onde o homem é provedor do lar e tem autoridade total sobre os outros membros, atrelando o discurso machista à demonstração da desumanização feminina, em que mulheres são descritas através de termos pejorativos, como “velhas”, “porcas” e, no caso de crianças, “criaturas demoníacas”, “mimadas” e “mentirosas”, que têm como único propósito e utilidade de vida servir aos interesses de Humbert, ao homem, independente do sofrimento que isso possa causar às vítimas. Dessa forma, é possível afirmar que o prazer do agressor atrela-se ao exercício de sua masculinidade e ao ódio à mulher, a causá-la sofrimento, pois sente-se autorizado a tal. Em decorrência disso, também explicita-se a culpabilização das vítimas, que segundo Esber (2009) é um comportamento comum entre os autores de violência sexual infantil. Este cenário parte de um culto ao estupro, em que a transferência de responsabilidade à vítima é ao mesmo tempo uma forma de desresponsabilizar o agressor e revitimizar a criança.

Desse modo, o machismo que perpassa o discurso do agressor se evidencia durante toda a obra, seja ao desresponsabilizar o abusador, ao culpabilizar e desumanizar a vítima e as mulheres ou ao utilizar-se dos muros familiares para não sofrer as consequências de seu crime. Portanto, para além de uma obra de ficção, “Lolita” reflete realidade de maneira a retratar como a ideologia machista é um dos principais fatores para que a violência sexual contra a criança praticada por homens se concretize, com os números registrados aumentando a cada ano e ao mesmo tempo sendo um crime subnotificado. Assim, a discussão sobre violência de gênero de maneira transversal à violência sexual infantil torna-se imprescindível no enfrentamento e prevenção do crime, de maneira que este seja entendido em sua totalidade para que as vítimas sejam efetivamente protegidas e acolhidas.

Compreendendo que o machismo está presente culturalmente na subjetivação masculina, formar sujeitos conscientizados sobre a igualdade de gênero a partir de uma discussão que entenda o abuso sexual de crianças como um problema social torna-se uma importante ferramenta para a proteção de crianças e adolescentes. Trata-se de entender a violência de gênero como um dos alicerces da violência sexual infantil, em conjunto com questões éticas e hierárquicas, de modo a colocar o agressor em enfoque como forma de prevenção para um efetivo enfrentamento deste crime.

Referências

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. 5. Ed. Dados Eletrônicos. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BRASIL. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2022. Disponível em: <<https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/07/14-anuario-2022-violencia-sexual-infantil-os-dados-estao-aqui-para-quem-quiser-ver.pdf>>. Acesso em: 01 fev. 2023.

XII SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

21 a 22 de Março de 2024

DUNKER, Christian I. L. A Lógica do Condomínio ou: o Síndico e seus Descontentes..

Revista Leitura Flutuante, São Paulo, v. 1, ed. 1, p. 1-8, 2009. Disponível em:

<<https://revistas.pucsp.br/index.php/leituraflutuante/article/view/7623/5578>>. Acesso em: 16 mar. 2023.

ESBER, Karen Michel. **Autores de violência sexual contra crianças e adolescentes**. 1ª Ed. Goiânia: Cãnone Editorial, 2009.

NABOKOV, V. **Lolita**. São Paulo, Biblioteca Folha, 1955.

ZALUAR, Alba. **Condomínio do diabo**: a violência nas redes de relações familiares. Editora UFRJ, 1994.

ZANELLO, Valeska. **Saúde mental, gênero e dispositivos**: cultura e processos de subjetivação. 1. Ed. Curitiba: Appris, 2018.